BOLETIM DO CEIB
Belo Horizonte, Volume 20, Número 63, março/2016

EDITORIAL

Temos o prazer de publicar neste número 63 do **Boletim do Ceib**, valioso artigo do frade da Ordem dos Franciscanos Menores, Frei Clarêncio Neotti, que estudou durante alguns anos, a representação de animais em retábulos e na imaginária e sua simbologia, quando morou em Roma e viajou por muito países europeus. Aqui em Belo Horizonte, temos um exemplo muito importante da representação de um cachorro, pintado por Portinari, na Igreja de São Feancisco de Assis, na Pampulha. Foi, provavelmente, uma das causas da Igrejinha, como é conhecida, ficar por 20 anos sem ser consagrada.
Temos, também, outras informações que consideramos importantes: depois de muitas dúvidas sobre a colocação *online*, das publicações do **Centro de Estudos da Imaginária Brasileira (Ceib),** finalmente estão à disposição dos interessados, sócios do Ceib ou não, todos os 62 **Boletins do Ceib** já publicados. Os sócios continuarão recebendo este e os próximos números, impressos em papel couchê, em suas casas, e continuarão tendo prioridade para nele publicar os resultados de seus estudos sobre a imaginária.
Acreditamos que, assim, não se sentirão prejudicados. A outra notícia, é que colocaremos no site do Ceib dentro de poucos dias, dois números da revista **Imagem Brasileira**. O número cinco, correspondente ao VI Congresso Internacional do Ceib, realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e o número seis, que corresponde ao VII Congresso, realizado em 2011, na Casa da Òpera, Teatro Municipal de Ouro Preto. Os outros dois números também estarão em breve, publicados por meio eletrônico
Por último com grande alegria, comunicamos que o X Congresso Internacional será realizado em Salvador, sob a presidência da Mestre Gláudia Maria Guanais Aguiar Fausto,conservadora/restauradora do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

ANIMAIS NO ALTAR: ICONOGRAFIA E SIMBOLOGIA

Frei Clarêncio Neotti
cneotti@yahoo.com.br*

Figura 1 - São Francisco de Assis. Igreja do Leprosário São Roque, de Piraquara. Pintura do pintor alemão Geraldo Roderfeld, de 1981.

Introdução: a palavra e os símbolos

Onde a palavra se sente insuficiente entra o símbolo. Em alguns campos, a pequenez da palavra se faz mais precária, como na mística, na liturgia, na tentativa de explicar e entender os mistérios. Onde termina a força dos nossos cinco sentidos, o símbolo se apresenta como continuidade e reforço. Onde chega o limite da inteligência, o símbolo é capaz de dar um salto por cima da barreira e abrir novos horizontes.

O símbolo se apresenta mais forte e falante, mais necessário, na ausência de um alfabeto convencional. Mais de dois terços das quase sete mil línguas faladas não tem alfabeto, ou seja, não conseguem se expressar por escrito. O que me leva a dizer que no mundo, nos expressamos mais por símbolos do que por letras. Antes de Cristo e, ao menos mil e quinhentos anos depois de Cristo, a maioria absoluta das criaturas humanas era analfabeta. Sua cultura (pintura, música, teatro, política, botânica, astronomia) se expressava grandemente por símbolos. Não se pode, portanto, entender o mundo antigo e medieval sem antes entender a linguagem de seus símbolos. Os dois Testamentos da Bíblia, a todo momento, falam por símbolos. Anda por caminho errado a exegese literal. As lendas de todos os povos primitivos estão tecidas de símbolos. Não há religião sem símbolos. Não há ritos religiosos e familiares sem símbolos. Devendo o teólogo lidar com a fé e suas manifestações religiosas, necessariamente usa a linguagem simbólica que, sublinho, ultrapassa a razão e até mesmo as razões do coração.

O símbolo não nasce do nada. Quase sempre é buscado no mundo conhecido. Ora na fauna, ora na flora, ora nos minerais e mesmo nas estrelas. Nenhum artista pinta um animal ou uma flor num quadro, se o animal ou a flor não tem símbolo conhecido. Querendo expressar ou reforçar a presença de uma qualidade ou de um sentimento (bom ou mau), busca um animal ou uma flor nas quais a pessoa comum vê presente a qualidade ou o sentimento que o pintor quer que seu quadro expresse. Portanto, nenhum animal, nenhuma flor aparece num quadro clássico apenas para preencher espaços e ângulos. Se há uma flor, ela é falante dentro da harmonia do painel não só por sua beleza, mas também por seu simbolismo.

Compreendo porque em nenhum quadro renascentista, ou anterior (como nas igrejas ornadas de mosaicos), encontrei, por exemplo, o gracioso beija-flor,

passarinho exclusivo do Brasil e países vizinhos tropicais. Desconhecido, portanto, dos grandes artistas e do povo europeu antes do século XVI. Também não encontrei a belíssima e multicolorida dália, nativa do México e inexistente na Europa antes da descoberta da América.

O que disse dos pintores, posso afirmar dos escultores e dos escritores místicos e também dos teólogos. Os grandes teólogos do primeiro milênio são chamados de "Santos Padres" e o conjunto de seus livros de "Patrística". Todos eles usaram os símbolos em suas explicações. Santo Antônio de Pádua, que morreu jovem em 1231, até abusa do simbolismo em suas elucidações morais.

Simbolismo dos animais

Tive a sorte de viver nove anos em Roma, exercendo um trabalho que me levou a mais de cem países e, nesses países, visitar catedrais e igrejas, bibliotecas e museus (muitos quadros de pinacotecas, um dia estiveram em igrejas; é sabido que Napoleão foi dos maiores rapinadores de quadros expostos e venerados em igrejas e mosteiros). Tive também a sorte de perceber, logo de início, que eu poderia, paralelamente às funções profissionais, estudar a simbologia presente nos altares, vitrais, púlpitos, cúpulas e chãos trabalhados por famosos artistas. Optei por me ater ao simbolismo dos animais. Assim, ao longo de vinte anos, juntei mais de 50 quilos de fotos. Nasceu o livro "Animais no Altar", livro que a Editora quis subtitular, e o fez bem, com "Iconografia e Simbologia".

Iconografia e Simbologia

No livro, estudo 97 diferentes animais. Há, porém, bichos que estudei dentro do mesmo item, como serpente, cobra e víbora; ou jumento, burro, asno e onagro (jumento selvagem da Ásia). Como distinguir numa pintura o coelho da lebre? Como posso distinguir o touro do boi, se o artista privilegiou a cabeça? Na verdade, o touro e o boi têm simbolismos diferentes, mas raramente a arte os distingue. Nas figuras do Presépio, como distinguir o boi da vaca, se o pintor, por delicadeza ao momento, mostra apenas a cabeça, e até suaviza os chifres, para que, de forma nenhuma, se tenha a ideia de violência? Se vejo o boi, ele tem o símbolo da mansidão e do trabalho; se vejo a vaca, ela simboliza o leite que o Menino deve tomar. Se tenho uma cultura de teólogo, posso ver no boi do presépio a presença dos hebreus, contrabalançando com o símbolo do burro, que estaria lembrando os povos pagãos. Por aí vemos que o símbolo pode ser rico de interpretações.

Figura 2 - Tetramorfo: Pintura na cripta de São Magno, Anagni, Itália (1851).

Alguns símbolos se tornaram tão expressivos que, na arte, chegam a tomar o lugar de quem simbolizam. Assim o leão, que simboliza São Marcos; ou o boi, que simboliza São Lucas; ou a águia, que simboliza São João. Muitas vezes temos apenas o símbolo. Mais: os três animais chegam a se fundir com a figura de um anjo em forma humana (símbolo de São Mateus), e juntos formam o "Tetramorfo", que simboliza o conjunto dos quatro evangelistas num só Evangelho (FIG. 2). Tetramorfo é uma palavra grega, que significa quatro faces, ou, quatro formas. Analisemos um pouco mais este simbolismo do tetramorfo. Comecemos com o que diz o Apocalipse: "No meio do trono e ao redor dele estavam quatro seres vivos,

cheios de olhos na frente e atrás. O primeiro ser vivo parecia um leão, o segundo era semelhante a um touro, o terceiro tinha rosto de homem e o quarto parecia uma águia voando. Os quatro seres vivos tinham cada um seis asas e estavam cheios de olhos em volta e por dentro. Não paravam, dia e noite, de aclamar: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, que é e que vem" (*Ap* 4,6-8).

Logo os escritores cristãos e os pregadores viram nos quatro animais o símbolo dos quatro evangelistas. Santo Irineu (+208) foi o primeiro a fazer a comparação. Os quatro animais apareciam indistintamente nas figuras dos evangelistas. Até parecia que o principal era o número quatro, que contrasta com o número três, símbolo da Santíssima Trindade, portanto, do divino, do eterno. O quatro é símbolo do terreno, que inclui o homem, o animal dentro do universo. Quatro são as estações do ano. Quatro são os elementos que compõem todas as coisas (terra, água, fogo e vento). Quatro eram os rios do paraíso terrestre. Quatro são os temperamentos (sanguíneo, fleumático, colérico, melancólico). Quatro são as letras que formam o nome de Adão, cujas iniciais formam, em grego, as quatro estações do ano: primavera, verão, outono e inverno. Quatro são os grandes profetas. Quatro são os evangelistas. Quatro são as virtudes cardeais (ou seja: as virtudes que servem de dobradiça para todas as outras: prudência, justiça, fortaleza e temperança). O quatro contrasta com o três, mas tem tudo a ver com o três. Ou seja, o criado tem tudo a ver com o criador, o terreno tem tudo a ver com o divino, o tempo tem tudo a ver com a eternidade. Os profetas têm tudo a ver com os evangelistas. E evangelistas e profetas e tempo e espaço, e homens e animais têm tudo a ver com aquele que quis criá-los, e "sentado no trono, vive pelos séculos dos séculos e é digno de receber a glória, a honra, e o poder" (*Ap* 4,10-11).

Alguns Santos Padres fizeram outra leitura do tetramorfo. O tetramorfo é o próprio Jesus Cristo. Ele é leão, o rei: Cristo é o rei do universo, de todas as coisas criadas que existem no céu e na terra. Ele é touro, o animal do sacrifício: Cristo foi o sacrifício perfeito, único e suficiente para pagar os pecados do mundo, derramando seu sangue na cruz. Ele é homem, assumiu a humanidade no seio de Maria e assumiu a condição humana em tudo, menos no pecado. Ele é águia, que voa às alturas: Cristo tem a plenitude do Espírito Santo e das alturas o derrama sobre a Igreja, fazendo dele a alma da nova família de Deus, a Igreja.

Outros escritores sacros, como São Jerônimo e São Gregório Magno, fazem uma leitura do tetramorfo um pouco diferente, mas com muito sentido: Cristo é homem no nascimento, foi touro na paixão e morte, foi leão na ressurreição (lembremos que o leão tem fama de dormir de olhos abertos) e foi águia na ascensão. Assim um poema do século XII, escrito pelo arcebispo de Tours Hildeberto Lavardin, diz numa das estrofes: "O Cristo é homem, o Cristo é vitelo, o Cristo é leão, o Cristo é ave. Em Cristo se pode exprimir tudo. É homem quando vive, é boi quando morre, é verdadeiro leão quando ressuscita e é ave quando sobe aos céus". Nas igrejas ortodoxas, o tetramorfo está ligado, sobretudo, à Ascensão de Cristo e vem muito ligado ao Pantocrátor.

Figura 3- Imagem de Nossa Senhora do Carmo, hoje conhecida como Nossa Senhora das Galinhas, em Pagani, Itália.

Vejamos um simbolismo bem mais fácil: a galinha. O dicionário diz que a galinha é sinônimo de pessoa fraca. Mas quando ela aparece nos quadros e mosaicos religiosos, está sempre acompanhada dos pintos. São Francisco de Sales escreveu no *Tratado do Amor de Deus*: "A galinha é uma galinha, isto é, um animal sem coragem nem generosidade, enquanto não é mãe; quando se torna mãe, tem um coração de leão, sempre de cabeça erguida, sempre de olhos esgazeados, volvendo-os para todos os lados, está sempre em defesa de sua ninhada, pela qual tem um cuidado contínuo, que a faz viver cacarejando". Esse cacarejar, esse cuidado vigilante, para os místicos, era símbolo da chamada insistente de Cristo às almas religiosas para superar o egoísmo e as fraquezas pela vigilância e generosidade. Por isso, a choca aparece em quadros que falam da caridade.

Na abside da Basílica de São Clemente em Roma (século XII) há uma galinha com pintinhos sendo alimentada por um empregado de vestes brancas. A galinha que aparece nas pinturas religiosas cristãs é sempre a choca, uma lembrança da frase de Jesus, quando chorou sobre Jerusalém: "Quantas vezes quis juntar teus filhos como a galinha choca reúne os pintinhos debaixo de suas asas, mas tu não quiseste" (*Lc* 13.34). Neste caso, o homem de vestes brancas é Jesus Cristo, compadecido da humanidade, representada pela galinha e os pintos.

No domingo depois da Páscoa, a cidade de Pagani, não longe de Salerno, na Itália, recebe milhares de peregrinos e curiosos para a festa, sobretudo para a procissão de Nossa Senhora das Galinhas (FIG. 3). Tradição que remonta a antes de 1600. O quadro de Nossa Senhora foi trazido à luz por algumas galinhas que ciscavam. Deixado na capela do cemitério, um coxo que ali dormiu uma noite ouviu uma voz para levantar-se e andar. E levantou-se e andou. O quadro ganhou um santuário e todos os anos os devotos lhe trazem centenas de galinhas, sempre as mais bonitas. Muitos as atiram das sacadas ao andor, quando passa na procissão, que dura um dia, porque nenhuma rua e nenhum beco querem ficar um ano sem a visita de Nossa Senhora das Galinhas que, na verdade, é um quadro de Nossa Senhora do Carmo. Acrescento ainda que Santo

Figura 4 - Escultura em madeira de São Juliano Hospitaleiro, padroeiro da Província de Macerata, Itália.

Afonso de Ligório prestigiava a festa, oferecendo ele mesmo na festa duas galinhas a Nossa Senhora.

Escolhi como ilustração a figura de São Juliano Hospitaleiro, padroeiro da Província de Macerata, na Itália (FIG. 4). Além de estar montado em cavalo, vem acompanhado de um cervo, de um cão e de um falcão, todos animais simbólicos. Do simbolismo do falcão, cito textualmente Santo Antônio, em seu sermão do Primeiro Domingo da Quaresma: "O falcão significa o justo. Nota que o falcão apanha com a pata e só apanha a ave voando; assim também o justo apanha com o pé do afeto e só apanha o bem quando voa, não cuidando dos bens terrenos. O falcão, pela sabedoria de Deus, cobre-se de penas. As penas do falcão são os pensamentos puros do justo. Pela sabedoria de Deus, crescem ordenados nos espírito do justo. Cobres-te de penas na medida em que saboreias a Deus (nota que sabedoria vem de sabor); produzes tanto mais penas de bons pensamentos, quanto mais doçura sentes do seu sabor. E assim este falcão estende as suas asas, isto é, o amor e o temor divino, para o sul, isto é, para Jesus Cristo, 'cujo brilho é como a luz' (*Hab* 3,4)". Observe-se como Santo Antônio liga o falcão à pureza, à justiça e à luz, para, finalmente, vê-lo como símbolo de Jesus Cristo. Portanto, o cristão não via a falcão-ave, mas, olhando-o, aprendia a pureza, a justiça e a retidão.

A história do cervo que acompanha São Juliano Hospitaleiro se prende a lenda anterior ao século IX, e contada com pormenores por hagiógrafos e historiadores. Juliano era caçador. Um dia perseguiu um cervo que, a certa altura parou e se voltou para ele e disse em voz humana: "Como ousas me perseguir a mim tu, que serás o assassino de teu pai e de tua mãe?". Juliano arrumou suas coisas e foi embora da casa paterna, para muito longe. Empregou-se, casou-se e vivia feliz. Estando um dia fora da cidade, um casal de peregrinos pediu hospedagem. A mulher de Juliano os acolheu e o casal contou toda a angústia da procura do filho. A mulher compreendeu que se tratava dos pais de Juliano e dobrou de carinho e os pôs a dormir no próprio leito conjugal. No dia seguinte, saiu cedo para a Missa, deixando o casal dormindo. Juliano chega e pensando ver um homem dormindo com sua mulher, mata os dois e vai à cidade comunicar o fato à polícia. Encontra-se com a esposa, que desfaz todo o mal entendido. Juliano percebeu que matara os próprios pais. Largou tudo, fez-se penitente. A esposa o acompanhou. Fixaram à margem de um grande rio sem ponte. Juliano passou o resto da vida transportando gente e coisas de uma margem à outra, até morrer em fama de homem penitente modelar, misericordioso e santo.

Figura 5- Caranguejo: Estátua de Santa Aldegundes, na Basílica de Kevelaer, Alemanha.

Não vou lembrar o simbolismo vastíssimo do cavalo e do cão. Mas queria ainda lembrar o caranguejo, já que escolhi como uma das ilustrações a estátua de Santa Aldegunda (+684) da basílica de Kevelaer, na Alemanha. Ela tem aos pés um grande caranguejo (FIG.5). Aldegunda, monja, fundadora de mosteiro e abadessa, morreu de câncer no seio direito, que a fez sofrer muito. Durante esse sofrimento, começou a fazer uma série de milagres de cura de doenças graves, que a

tornou famosa. Até hoje é invocada pelos que sofrem de câncer. Ora, em latim, caranguejo e câncer são a mesma palavra, como, aliás, o símbolo gráfico do signo de câncer é o caranguejo.

Como o camarão, o caranguejo, em quase todas as culturas antigas, está ligado à lua e ao útero. E também às forças de renovação. Por isso, pode simbolizar a ressurreição. No púlpito da Ressurreição da igreja de São Lourenço, em Florença, obra em bronze de 1460 de Donatello, há um caranguejo esculpido no escudo de um dos soldados caídos no momento em que Jesus sai da sepultura.

Outra ilustração simbólica que escolhi foi a esfinge (FIG. 6) e o macaco, talhados em madeira em 1528 no presbitério de Santa Maria Maior, em Bérgamo, Itália. Mais antiga que as pirâmides do Egito, levantadas ao longo do terceiro milênio antes de Cristo, a esfinge – meio corpo de homem e meio de leão; ou meio de mulher e meio de leoa – sempre teve a ver com a realeza, a soberania, a sabedoria, a majestade divina, a fecundidade, a origem da vida. Durante milênios, mulheres estéreis foram dormir à sombra de uma esfinge ou em seus braços, na esperança de se tornarem fecundas.

Os místicos aplicaram a Jesus Cristo os quatro verbos da esfinge: saber, ousar, querer, calar. Seriam os quatro verbos que, vividos entrelaçados, fazem o homem sábio. E eles se entrelaçam assim: 1. Saber ousar, saber querer, saber calar; 2. Ousar saber, ousar querer, ousar calar; 3. Querer saber, querer ousar, querer calar; 4. Calar sobre o próprio saber, calar sobre a própria audácia, calar sobre a própria vontade. Os mestres da contemplação cristã viram esse homem perfeito em Jesus Cristo.

O macaco não gozou no Cristianismo a consideração que teve em velhas culturas, como entre os hindus, os egípcios, os tibetanos e, muito especialmente, nas culturas indígenas da América Latina. Há lendas hebreias que fazem o macaco descender de Enós, filho de Set, o filho que Adão e Eva tiveram no lugar de Abel.

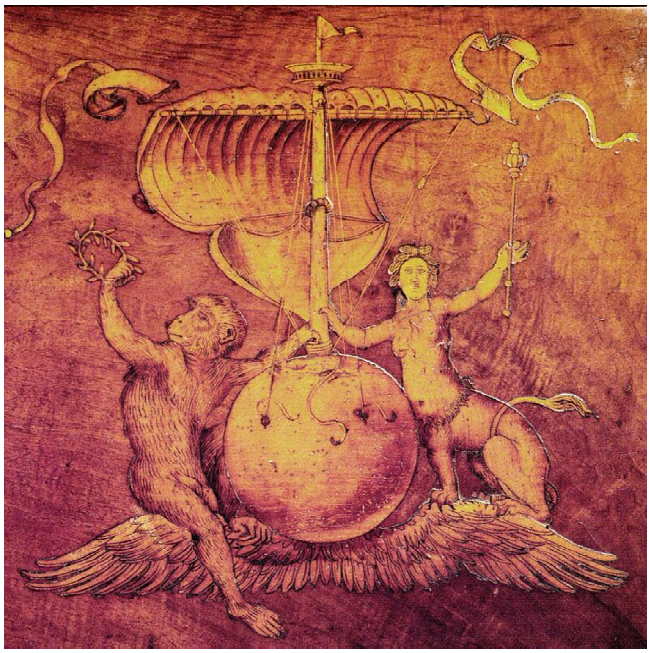

Figura 6 - Esfinge: Obra talhada em madeira nas estalas do presbitério da Basílica de Santa Maria Maior, Bérgamo, Itália. Obra de 1528, criação de Lonrenzo Lotto.

Mas ele entrou, de fato, na Sagrada Escritura, no tempo do rei Salomão (*1Rs* 10,22). Não adquiriu no meio do povo hebreu os símbolos positivos que tinha em outros povos e outras culturas: o símbolo da vigilância, da curiosidade, da vivacidade e do bailarino.

Famosos são os três macaquinhos da 'Estala sagrada' de Nikko: um cobre os olhos, outro as orelhas e outro a boca. Eram os três macacos que deviam contar aos deuses o que faziam os homens, mas não conseguiram. Hoje os três são símbolo da vida profana sábia e feliz no relacionamento humano: não vejo, não ouço, não falo. Mas esse simbolismo não entrou na figuração do mundo religioso, mesmo porque contradiz o bom espírito da vida comunitária e responsável.

Em grandes catedrais, quando se pintam os vícios (como em Bayeux, Chartres, Paris, Amiens), o macaco representa a vaidade, a luxúria, a hipocrisia, a astúcia. De fato, o macaco, na iconografia cristã, é sempre símbolo da malícia e até do demônio em pessoa. Encontramos macacos, segurando capitéis de colunas e quase sempre com caras exóticas. Não estão lá por ornamento, mas simbolizam o castigo do homem pecador. Quando acorrentados, simbolizam o demônio impotente contra os cristãos. Às vezes encontramos macacos afetados de sarna ou lepra: são símbolo do homem invejoso. Outras vezes encontramos figuras humanas com cara de macaco: simbolizam o homem que se autodegradou pelos vícios. Em alguns quadros, o macaco se olha num espelho: símbolo do homem que perdeu a dignidade.

Há animais muito presentes na simbologia religiosa, que nunca existiram. Foram criados pela necessidade de expressar uma qualidade que não ficava bem em nenhum animal de verdade. É o caso do Dragão (que é símbolo do Diabo derrotado, que acompanha São Jorge e o Arcanjo Miguel) (FIG. 7. Ou uma verdade tão alta e grande, que nenhum animal conhecido podia significar. É o caso da Fênix, símbolo do mistério da Ressurreição, presença obrigatória nas pinturas pascais. No Brasil a Fênix aparece na arte barroca, talhada no altar, quase sempre como fecho dos grandes retábulos, mas vira um símbolo inútil, porque o povo não vê a Fênix, mas um passarinho qualquer, de asas abertas. É comum nas igrejas da Europa a Fênix pousar no alto de uma palmeira (tamareira), unindo dois símbolos, porque a palmeira simboliza a

Figura 7 - Dragão: São Miguel Arcanjo, vencendo o dragão, obra de J. Bachleda, Zolnieczyk, Polônia

CEIB

Presidente de Honra:
Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira;
Presidente: Beatriz Coelho;
Vice-Presidente: Maria Regina Emery Quites;
1º Secretário: Agesilau Neiva Almada;
2º Secretário: Bruno Perea Chiossi;
1ª Tesoureira: Daniela Cristina Ayala;
2ª Tesoureira: Carolina M. P. Nardi;
Colaboração: Marisia Flores.

ENDEREÇO
Escola de Belas Artes
Avenida Antônio Carlos, 6627.
31.270-010, Belo Horizonte, MG,
Tel: (55) 31 3409-5290
ceib@ceib.org.br;
site: www.ceib.org.br
Facebook: Ceib

BOLETIM

ISSN: 1806-2237;
Projeto gráfico, arte e editoração:
Helena David (*In memoriam*)
e Beatriz Coelho;

Tiragem 500 exemplares;
Periodicidade: quadrimestral
*Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião do **BOLETIM DO CEIB.***

É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.

APOIO

Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Cecor)
ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFMG

imortalidade, já que não muda de folhagem em nenhuma estação do ano. A Fênix na palmeira proclama, portanto, a verdade da Ressurreição para a Eternidade.

Mencionemos alguns outros animais simbólicos, criados pela imaginação. O *Pégaso*, presente na cultura pagã, sobretudo helênica, passou ao Cristianismo como símbolo de Jesus Cristo, que, apesar de homem, tem a ver com o céu (o pégaso tem asas). O *Grifo*, também da cultura pagã, metade leão e metade águia, símbolo na cultura pagã da força inteligente, entrou no Cristianismo como símbolo de Jesus Cristo, que tem duas naturezas inseparáveis, a divina (águia) e a humana (leão). O *Unicórnio*, com seu longo e branco chifre no centro da fronte, o animal mais difícil de ser caçado, mas que se tornava manso se, diante dele, se ajoelhasse uma donzela virgem. Foi fácil a passagem do símbolo para o Cristianismo: Maria de Nazaré, de joelhos, na Anunciação, consegue encerrar em seu útero o Filho de Deus.

O povo simples usa muito mais os símbolos e dialoga vivencialmente com eles do que os escolarizados e diplomados. Arrisco: por isso o povo simples é bem menos violento com a Natureza. Convive com ela, interage positivamente e é capaz de cantarolar ao longo da estrada o poema de São Francisco laudatório de todas as criaturas, desde o Irmão Sol ao Irmão Verme, passando pelo Irmão Lobo. Quem fala por símbolos sabe o que é Ecologia, ainda que nunca tenha escutado um discurso sobre ela.

Percebo um sensível retorno à convivência entre as criaturas. Se o mundo pós-moderno acordou para a Ecologia é porque estava dormindo no sono do seu egocentrismo, que ele pensou onipotente. O equilíbrio humano pressupõe o mundo animal. Não só o homem domestica e adestra o animal, mas também o animal domestica e adestra o homem em sua religião, em sua vida social, em sua trajetória do seio de Deus à terra e da terra ao seio de Deus. Que o confirmem a serpente enroscada na Árvore do Bem e do Mal na primeira página do Gênesis e o cordeiro triunfante sobre o dragão acorrentado no abismo na última página do Apocalipse.

* **Frei Clarêncio Neotti** é frade da Ordem dos Franciscanso Menores. Foi presidente, por três periodos consecutivos, da União Católica Latino-Americana de Imprensa. É perito do Departamento de Comunicação da Conferência Episcopal Latino-Americana e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Hoje trabalha no Santuário do espírito Santo, em Vila Velha. ES.

CEIB, 20 ANOS

No dia 29 de outubro póximo, o Centro de Estudos da Imaginária Brasileira (Ceib) estará completando 20 anos. Foram tempos de conhecer e encontrar amigos, publicar um Boletim sempre com artigos inéditos - este já é o de númerro 63 - , que começou muito rudimentar, mas que, agora, já tem um tamanho maior e melhor qualidade de impressão; tempos de realizarmos nove congressos com participação de conferencistas nacionais e estrangeiros, ativa participação dos associados e também de profisionais e estudantes de vários níveis, da graduação ao doutoramento, que realizam trabalhos e pesquisas sobre a imaginária devocional, em seus diversos aspectos: história, iconografia, função social, autorias e atribuições, materiais e técnicas e conservação e restauração. Muitas dificuldades foram vencidas. Temos uma site na internet e uma página no Face Book, esta última muito vista, "curtida" e compartilhada. Em outubro também, termina o mandato da atual diretoria, e os que se interessam em compor uma chapa ou se candidatar a algum cargo na diretoria, já podem e devem ir se organizando para isso.
Agrademos a todos que nos têm apoiado nessa jornada!